



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8, A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

A Peregrinação de Junho, 13

Os actos oficiais

Todos os actos oficiais se realizaram na forma do costume, manifestando os peregrinos de-sassombadamente a sua devoção fervorosa tão comovente como edificante.

A procissão das velas efectuou-se na melhor ordem e com o maior recolhimento, constituindo, como sempre, um espectáculo deslumbrante e encantador. Seguiu-se da meia-noite às duas horas da madrugada, o piedoso exercício da adoração geral que, como os outros turnos de adoração, se fez no Pavilhão dos doentes. Durante êste acto, rezou-se e meditou-se o têrço, tendo o rev. P.º Raúl Sarreira, S. J., pregado, nos intervalos das de-

Na altura própria, fêz-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que, durante o percurso, foi incessantemente saudada pela multidão com o acenar de milhares de lenços, o que sucedeu também na segunda procissão em que a mesma Imagem foi reconduzida para a capela das aparições.

Viam-se lágrimas de comoção em muitos olhos.

Celebrou a Missa oficial o rev. dr. José Galamba de Oliveira e pregoou ao Evangelho o rev. P.º Raúl Sarreira.

Foi Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom José, Bispo de Leiria, quem deu a bênção eucarística aos doentes que eram em número de 181 e a todo o povo.

Uma família feliz

A peregrinação de 13 de Junho findo ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima não teve menor relêvo nem foi menos numerosa que a do mesmo dia e mês nos anos anteriores.

A afluência de fiéis aos actos comemorativos das aparições excedeu até a melhor expectativa.

No dia 12 à tarde, chegou à Cova da Iria uma família de Sanfins do Douro. Compunha-se de José Metelo de Almeida e sua mulher Maria Vieira de Melo que traziam consigo seis filhos, sendo um de três



O Venerando Episcopado Português em exercícios espirituais no Santuário da Fátima de 19 a 28 de Maio de 1941 (Foto do Rev. P.º Vernochi),

anos, outro ainda de colo, de três meses, e tendo a pequena mais velha onze anos.

Fizeram a pé todo o percurso em 24 dias. Passaram por 42 freguesias..

Por causa das crianças a viagem teve de ser feita muito devagar. Todas elas, mercê de Deus, chegaram ao têrmo da viagem de perfeita saúde, bem dispostas e alegres, como se tivessem dado apenas um simples passeio.

Vinha aquela família cumprir uma promessa e agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura do seu chefe que esteve cinco anos cego e com um leve transtôrno mental e que se sente agora completamente curado. O pobre homem, no meio da aflição e miséria em que se via, já se contentava de que Deus lhe restituísse a vista para poder ir pedir esmola para si e para os seus.

zenas, sôbre os mistérios dolorosos do Rosário.

Realizaram-se depois, sucessivamente, vários turnos de adoração.

Das 2 às 3 horas, o da peregrinação da Arqu-Confraria do Imaculado Coração de Maria, de Lisboa, presidido pelo rev. dr. Cruz, S. J., e ao qual se associou a peregrinação da freguesia de Nevogilde, do Pôrto. Das 3 às 4, o das criadas de servir, de Coimbra. Das 4 às 5, o das peregrinações do Livramento, Turcifal e Chamusca. Das 5 às 6, o das peregrinações de Sintra, Alfama e Confraria do Santíssimo Sacramento, do Pôrto.

Dada a bênção eucarística e recolhida a Sagrada Hóstia, o rev. P.º Francisco da Silva Geada celebrou a Missa da Comunhão geral, tendo recebido o Pão dos Anjos cêrca de seis mil pessoas.

Melhoras duma doente

Depois da bênção final, quando o venerando Prelado de Leiria regressava ao altar com a Sagrada Custódia, Maria Irene Bernardes da Silva, de 24 anos de idade, de Condeixa-a-Nova, que sofria duma coxalgia, tendo a rótula fracturada, sentiu grandes melhoras no seu estado de saúde.

Havia quasi 40 anos que estava de cama sem se poder levantar.

Logo que terminou a bênção do Santíssimo, pôs-se de pé e começou a andar sem dificuldade.

Cheia de reconhecimento para com a bondade da Santíssima Virgem, manifestou a sua intenção de voltar brevemente à Fátima em romagem de acção de graças pelo singular favor recebido.

Visconde do Montelo

Um lindo exemplo de confiança em N.ª Senhora da Fátima

Como os leitores sabem, um submarino torpedeou e afundou o navio mercante português «Ganda». Morreram cinco pessoas. Os naufragos duma baleeira foram salvos pelo nosso barco «Fafe».

Uma lancha com 41 pessoas a bordo andou 72 horas no mar, sem terem que comer nem beber.

Julgavam-se já irremediavelmente perdidos quando o pescador espanhol «Ventura Gonzalez» os salvou.

Uma senhora jornalista que vinha na lancha deu uma entrevista a um jornal diário da capital donde, com a devida vénia recortamos os períodos seguintes em que se mostra a confiança dos naufragos em Nossa Senhora da Fátima:

«A bordo o desânimo foi vencido pela fé. Nós, as mulheres, nunca desanimámos. Tínhamos fé! Rezávamos alto em câro, implorando a protecção de Nossa Senhora da Fátima. Os homens — olhos razos de água — escutavam-nos emocionados. A nossa fé foi tão grande que os co-

moveu. Não é que eles não tivessem fé também. Umaz rezavam, outras acompanhavam em câro. As senhoras estrangeiras secundavam umas e outras. Jamais esquecerei êsses momentos em que as nossas orações fizeram que dos olhos dos homens rolassem lágrimas, que eles não conseguiam estancar».

nha paciência em o ouvir mereceu que me faça um favorzinho?

E êsse favor é que, tendo o senhor falado tantas vezes mal da Santíssima Virgem dizendo, para quem queria ouvir, que ela era uma mulher como as outras, vá junto do seu altar e pronuncie três vezes lentamente a frase seguinte: — «Ó Maria, eu creio que vós não tendes mais poder que outra qualquer mulher. E se o tendes mostrai-mo».

Uma hora depois, o nosso homem veio ao confessorário. Grossas e abundantes lágrimas lhe corriam dos olhos e os soluços pareciam sufocá-lo.

Uma conversão

Havia-se pregado com bom sucesso, uma missão na cidade de X... Um certo homem, porém, não tomou nenhuma parte nela. Havia vinte anos que se não confessava. Levando uma vida muito imoral, como quasi sempre acontece nestes casos, tinha perdido completamente a fé e procurava perverter os outros gastando muito dinheiro a espalhar maus livros.

No último dia da missão, quando os confessores mal chegavam para tanto serviço, veio ter com um dos missionários e, num tom muito insolente esteve três quartos de hora a contar todas as abominações da sua vida.

O padre, escutou-o com toda a paciência. Era grande a sua perplexidade e o estranho penitente percebeu-o.

— Eu não me importo nada de absolvição. O meu intento era fazê-lo zangar e declaro que fiquei desapontado por não o conseguir.

— Meu amigo, respondeu o sacerdote, não lhe parece que a mi-

Com a mais viva contrição, fêz desta vez a confissão humilde de todas as suas desordens. E quando na manhã seguinte, o venerando pároco o viu à Mesa da Comunhão, pouco faltou que não se visse obrigado a voltar para o altar por não poder conter as lágrimas.

No dia seguinte ao do fecho da missão, quando o presbitério estava cheio de gente, viu-se o convertido entrar e prostrar-se de joelhos aos pés do sacerdote. Com uma voz trémula, pediu-lhe perdão, assim como a todos os assistentes, dos escândalos que tinha dado e prometeu repará-los com uma vida edificante.

E cumpriu a sua palavra, não cessando de agradecer a Nossa Senhora, refúgio dos pecadores até nos casos aparentemente mais desesperados.

Está quasi esgotada a Jacinta.

Se a quere, mande pedi-la já pelo correio à Gráfica — Leiria.

LOURENÇO MARQUES GASTOU 400 ESTAMPAS

para a consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima.

Lourenço Marques, tão longe, vibra de entusiástica devoção à nossa celeste Padroeira.

Por toda essa nossa grande Província Ultramarina vai um fervor de piedade por essa obra da consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima.

E vós, leitores amigos? Achais razoável continuar ainda na mesma frieza?

Quando quereis consagrar a vossa família a Nossa Senhora? Amanhã pode ser tarde...

Peça já hoje estampas à GRÁFICA — LEIRIA. Preço: maiores, 5\$00 cada; menores, 2\$50.

UMA ALMA NOVA

— Desta feita é que é certo... ó 28! O tom era tão despreocupado — quasi alegre — que o 28, que escovava, aceleradamente o cavalo como se nêle quisesse descarregar o habitual mau humor, quedou-se boquiaberto, com o olhar bisonho enviezado para o camarada.

— O que é pena é não ser certo só p'ra ti e p'ros da tua raça — resmungou.

— Olha cá! — e o 37 veio plantar-se na frente do 28, espécado na forquilha com que andava remexendo as camas do gado. Tu pensas que eu vou por gosto, não?... Lá porque um «home» não anda p'ra aí a praguejar ou a lagrimejar...

— Pois se não vás de gosto, bem no parece!

— E que ganha a gente em andar com coisas, não me dirás? O caminho é p'ra ali... pr' ali é que um «home» vai! Ou bem que «semos» soldados ou, então, mais valia...

— O que mais vale «nan» preciso que ninguém mo diga!

Ia o outro a pedir-lhe explicações — embora o visse tão pouco disposto a dar-lhas — mas o oficial de serviço entrava e cada um, após a continência regulamentar, voltava ao trabalho com novo afan; o 28, taciturno, de fronte contraída, quasi unidas as espessas sobrancelhas sobre o olhar torvo; o 37 aparentando também agora uma certa preocupação.

Tinha-lhes sido comunicada na véspera a ordem de partida para as Colónias. Não era ainda a guerra — podia ser mesmo que nunca chegasse a ser — mas o terror não tinha deixado de penetrar, e bem fundo, nalguns pobres magalãs que pareciam sentir já as metralhadoras atrás de si e que só o medo do castigo é que lhes embargava a vontade de desertar. Não faltara mesmo durante todo o dia e até de noite, na caserna, quem aventasse idéias de membros estropeados e até de suicídio para escapar ao cumprimento dessa ordem. Era nisto que pensava o brioso e honrado 37, era isso que lhe confrangia o coração: A que miséria religiosa tinham chegado os nossos soldados que mal sabiam que era um crime o que alvitavam ou se propunham cometer! Sabiam eles lá bem que tinham de dar conta do corpo como da alma... Sabiam lá eles sequer o que isto era! Onde iam já os tempos de seu avô — que como o pai tinha servido lealmente a Pátria — quando em todos os regimentos de Portugal se cumpria a Lei do Senhor?

As coisas agora estavam bem encaminhadas, sem dúvida. Não havia perigo de que o Soldado Português — como os primeiros que tinham sido enviados para a Grande Guerra — abalasse sem mais amparo espiritual

do que um selvagem ou uma alimária... Nada disso! Graças a Deus tudo ia voltando ao bom caminho. Se até se falava em que um grupo de oficiais — e dos graúdos — ia mandar dizer uma Missa, na véspera da partida, para a qual todos os expedicionários seriam convidados...

E o 37 voltava a serenar, alegrado com estes pensamentos, não tendo mão em si que se não pusesse a trautejar a cançoneta tão em voga:

*Se vai p'rá guerra, deixá-lo ir:
Rapazes novos, tornam a vir!
Tornam a vir... Virão ou não:
Rapazes novos, p'rá guerra são!*

— Vá lá mais um copito...
— «Nan» vai mais nada!
— Vá lá que é p'ra ganhares coragem!

— «Cais» coragem! Desgraçado dum «home» que conta com o vinho p'ra la dar!

Resolutamente, o 37 afastava o copo que o taberneiro acabava de encher e dispunha-se a sair. O contingente para África partiria no dia seguinte; todos os que tinham a família por ali perto tinham ido abraçá-la. A d'ele estava muito longe, lá para o norte. Aproveitaria a licença para escrever aos pais e ir deixar a carta com umas lembranças ao cuidado daquele seu conterrâneo.

Os dois homens abraçaram-se e o 37 em breve se embrenhava na noite já cerrada, naquele subúrbio quasi despovoado da velha cidade.

Caminhava aceleradamente mas, de repente, parou. Ia a entrar na estrada que segue o rio quando, justamente no ponto em frente do carreiro que trilhava, um vulto se precipitou como para se lançar à água. Deteve-se, porém, e encostou-se ao tronco duma velha árvore que se recortava majestosa contra a iluminação da margem oposta.

Que estava ali a fazer aquele homem ou que pretendia fazer?... Não sabia o bom do 37 que resolução tomar, mas um suspiro fundo, rouco, que êle muito bem conhecia, chegava-lhe aos ouvidos.

Não há dúvida. E o 28! Bem tinha êle querido levá-lo consigo já que o infeliz também estava para ali sem amparo de família. Escapara-se-lhe, porém, como uma enguia... Cauteloso, abaixando os passos, o 37 aproximava-se do camarada e deita-lhe a mão ao braço.

— Anda daí «pá» — diz-lhe afectuosamente.

O 28 tem um sobressalto, dá um repelião, mas logo se rende. Põem-se ambos a caminhar e, ao clarão do primeiro candieiro de iluminação pública que topam, o 37 vê o rosto do companheiro banhado de lágrimas.

— Vamos já para o quartel?
Se a pergunta fôsse «Vamos já para a guerra» não seria de-certo feita com mais horror.

— Não, «home» de Deus! «Cum' assim» hoje há tolerância e eu... ainda tenbo de ir dar um recado ao nosso Capelão... ao padre que embarca com a gente, sabes?...

O recado que o 37 tinha a dar ao jovem sacerdote não era outro, porém, senão o pretexto para aproximar d'ele o atribulado 28...

O vasto templo, engalanado como para uma solenidade invulgar, estava repleto. Na nave central, uma massa compacta de militares — oficiais e soldados — alguns bem pouco avezados ao lugar e circunstância, mas mantendo-se todos com o aprumo requerido.

(Cont. na 3.ª pag.)

Fátima, refúgio dos pecadores

POR BERTA LEITE

A medida que os horrores da guerra se vão alastrando e tornando mais conhecidos, à medida que o sangue de inocentes vai engrossando a corrente das responsabilidades dos políticos que tornaram possível o flagelo tremendo em que a humanidade se debate val-se avolumando também aos olhos dos incrédulos a verdade indubitável do milagre da Fátima.

Na humilha e obscura Cova da Iria apareceu Nossa Senhora a pedir-nos penitência e a pedir-nos amor. Dar-nos-ia em troca a paz e a salvação. Então foi um alvoroço. Os portugueses que andavam alheios e indiferentes por que se deixavam arrastar pelas influências estrangeiras provenientes da desmoralização de costumes ao fim da outra guerra de 1914 acordaram ao chamamento e voltaram-se de novo para Deus.

Quiseram ver o sitio onde a Mãe de Jesus lhes vinha também chamar filhos. E... se a penitência não foi ainda aquilo de que todos carecíamos pa-

ra merecer o grande milagre da Hora presente, o amor encheu tôdas as almas. O povo chorou, prostrou-se, arrojou aos pés da Virgem tudo o que tinha... Mas o quê?

Descalçinhos, andrajosos, estropeados física e moralmente todos vieram. Corpos mutilados, doentes ou macerados... almas em pena ou cheias de lepra... que importa?

Vieram, imploraram, mostraram-se miseráveis e contritos com os seus soluços e a sua fé inabalável. Que poderia ter dado à Rainha dos Céus o povo pobríssimo desta terra cheia de Graça que não fôsse um amor profundo?

Que poderia ter oferecido quem tem as mãos vazias?

O povo de Portugal deu, pois, a Maria Santíssima entre cânticos e velas o seu meigo coração.

Maria aceitou-o e a Fátima é o único abrigo desta hora desabrugada na História do mundo. «Avé, Mãe celestial!... Avé, Mãe de Portugal!...

O BEATO NUN'ALVARES

Um apaixonado da Sagrada Eucaristia Por P. Galamba de Oliveira

Há na história da vida de Nun'Alvares tal viço e frescura de piedade e de vida cristã que a sua orientação e mentalidade bem podem ser apresentadas como tipo a imitar pelos rapazes e homens do nosso tempo.

Nun'Alvares é daqueles que «sentem com a Igreja» para quem uma palavra da Autoridade Eclesiástica, embora de simples conselho, tem o valor duma ordem.

Nun'Alvares é continuador glorioso da piedade antiga e da profunda devoção para com a Sagrada Eucaristia e precursor brilhante da Moderna corrente de vida eucarística que anima a Igreja.

Comungava com maior frequência do que em geral os outros no seu tempo e costumava repetir que quem o quisesse vencer era afastá-lo da Sagrada Comunhão.

Nos dias em que comungava assistia a uma missa como preparação e ficava durante outra a agradecer a Nosso Senhor a comunhão já recebida.

Não tinha respeito humano: era um valente, um herói — ria-se dos sorrisos dos outros.

Ceissa conserva ainda um lindo vaso sagrado que segundo a tradição é oferta do Santo Condestável.

A outras muitas igrejas e capelas ofereceu êle, em vida, cálices e vasos sagrados, para maior grandeza, majestade e decôro do culto eucarístico.

Nas horas solenes em que tanta vez, a vida da Pátria dependeu mais da Providência Divina do que da sorte das armas, Nun'Alvares, nem um dia sequer entrou em combate, sem primeiro se ter feito alimentar a si e aos seus com o Pão dos fortes.

Quando um dia em Terras de Espanha veio a dar com os seus homens em certa aldeia que festejava o Santo Corpo de Deus é êle mesmo quem ordena o maior luzimento nessa solene procissão.

Nem hesita sequer em lançar mão da vassoura para varrer o Templo de Deus que o inimigo transformara em cavalariça, pois, na casa de Deus e para Sua Glória todos os serviços são grandes.

Que o exemplo de Nun'Alvares faça reaprender aos homens e rapazes de hoje o caminho da verdadeira santidade — Cristo Jesus presente por nosso amor no Santíssimo Sacramento dos nossos altares!

Não sejamos egoístas

Não queiramos só para nós o bem, mas distribuamo-lo também pelos outros.

A Lei de Deus resume-se em amar a Deus sobre tôdas as coisas ao próximo como a nós mesmos.

Somos todos filhos do mesmo Pai que é Deus, irmãos de Jesus Cristo e coherdeiros da mesma glória e felicidade que é o Céu.

Temos estrita obrigação de assegurar não só a nossa salvação e felicidade eterna com todos os meios ao nosso alcance, porque êste é o único negócio importante para o homem viador, mas também de trabalharmos assidua e activamente para que os nossos irmãos em Cristo consigam e atinjam a mesma meta.

Quantos e quantos infelizes não há que longe de servirem submissos a Deus antes O amaldiçoam e vituperam porque O não conhecem, nem têm o lenitivo da esperança que mitigue a sua miséria física e moral?!

— Ser Cruzado de Fátima é ser filho e devoto predilecto de Maria por conseguinte ser cruzado é assegurar a salvação própria, porque um servo verdadeiro e fiel de Maria não pode perder-se.

Ser Cruzado e servir a Maria é reinar com Deus.

Mas ainda há mais. Ser cruzado de Fátima é contribuir para a recristianização de Portugal.

Ser cruzado de Fátima é concorrer para que a doutrina do Amor e Caridade, remédio para todos os males e bálsamo para todos os sofrimentos seja conhecida e praticada nos recantos mais humildes da terra portuguesa e até nas terras de além mar, por que também lá há já muitos cruzados e lá chega a sua benéfica acção.

Ser cruzado de Fátima, numa palavra é cooperar com a Santa Igreja na sua missão sublime de levar as almas para Deus.

E tudo isto à custa de quanto? Somente de dois insignificantes tostões!!

Daqui as conclusões a tirar só podem ser duas: inscrever-nos nos Cruzados de Fátima se ainda o não estamos; 2.ª ser bons Cruzados e trabalhar pelo desenvolvimento e expansão dos mesmos se já estamos inscritos.

A melhor colecção de cânticos e orações — com os hinos da Acção Católica — é o Manual do Peregrino da Fátima.

4.ª edição — 4\$00 e pelo correio, 5\$00.

Pedidos à Gráfica — Leiria.

«VOZ DA FÁTIMA»

Despesas	
Transporte	2.126.547\$21
Franq. emb. transporte do n.º 225	4.894\$82
Papel, comp. e impressão do n.º 225	23.502\$60
Na Administração	210\$00

Total 2.155.154\$63

Donativos desde 15\$00

Miguel dos Santos, Turquel, 20\$; D. Laurinda Capelo, Sabugal, 70\$00; D. Maria Carolina Arnaut, Coimbra, 20\$00; D. Glória Costa, Póvoa de Varzim, 45\$00; João Seguro Pinto, Capinha, 20\$00; Abel Gonçalves de Freitas, Santos, Brasil, 800\$00; D. Celestina de Matos V. César, Elvas, 15\$00; Cristóvão Fernandes, Nova Goa, 25\$; D. Joaquina Duarte, Obidos, 120\$00; Anónima C. C., Ponta Delgada, 30\$00; D. Carlos de Sá Fragoso, Cucujães, 20\$00; Director da Casa de Saúde S. Rafael, Açores, 20\$00; José Caetano Pimentel, Capelas, 242\$50; D. Carmelina Fernandes, Lourenço Marques, 40\$00; D. I. Nazaré e Sousa, ibidem, 15\$00; Joaquim Fernandes, ibidem, 30\$00; D. Brígida de Sousa Monteiro, ibidem, 20\$00; D. Maria Santana Lobo e Sousa, ibidem, 20\$00; Salvador de Sousa, ibidem, 30\$00; Santana de Almeida, ibidem, 30\$00; Justino de Sousa, ibidem, 15\$00; Salvador Noronha, ibidem, 15\$00; Lourenço Fernandes, ibidem, 20\$00; D. Inês Alvares e Pinho, ibidem, 20\$00; Sebastião Carrasco, ibidem, 15\$00; Aquino Fernandes, ibidem, 20\$00; Joaquim de Sousa, ibidem, 15\$00; Roque Fernandes, ibidem, 15\$00; D. Cristina Fernandes, ibidem, 20\$00; D. Sancha Monteiro e Sousa, ibidem, 20\$00; António Fernandes, ibidem, 20\$00; Lourenço Paulo Pinto, ibidem, 40\$00; D. Clotilde Bizarro Callisto, Ilhavo, 30\$00; D. Olinda Leite Martins Moscotela, 20\$00; D. Emília Pinto Albuquerque, 35\$00; D. Amélia Alves Dinis, Parede, 20\$; D. Josefina Manso Preto Pereira de Melo, Montemor-o-Velho, 20\$; Dr. Joaquim dos Reis Torgal, Lisboa, 20\$00; D. Ermelinda Leite, América, 50\$00.

A «VIOLETA DA FÁTIMA»

Estampas com o retrato da vidente Jacinta de Jesus Marto, em off-set edição registada do Instituto de Nossa Senhora das Lóres, da Fátima.

Estampa dupla com pequena biografia e uma breve supplica implorando a graça da sua beatificação; 50 exemplares pelo correio esc. 20\$.

Estampa simples só com a referida oração; 50 exemplares pelo correio esc. 10\$00; Em número superior a 100 faz-se o desconto de 10%.

Mínimo de venda, 50 exemplares. As requisições devem vir acompanhadas da respectiva importância. Pedidos a Administração da «STELLA» — Cova da Iria.

Vila Nova de Ourém

A Mão Dum Santo



E' para os crêntes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torçicolos, cainbras e frieiras; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantas outras incômodas dolorosas.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inócuos efeitos de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incômodos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8 s 50 — Bolião 13 s 50

Agentes: José Bento Costa, Lda.

Rua do Arco do Bandeira, 196, 1.ª LISBOA.

LEITE MATERNO

Não ha nada que o substitua. Tôdas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplendido.

Fresco, 20\$00 nas boas farmácias

Graças de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria de Lourdes Carvalho — Pórtó, havia 8 anos que sofria da garganta e, tendo consultado vários especialistas sem conseguir melhorar, consultou um outro que lhe indicaram, o qual, depois de bem a examinar a sujeitou a um tratamento tão rigoroso que a doente depreendeu que não teria mais cura ou tarde a viria a ter.

Ouvindo falar na organização duma peregrinação à Fátima pediu ao seu médico assistente licença para nela tomar parte. Não lho queria consentir o ilustre clínico, atendendo ao seu estado grave de saúde e ao tempo bastante fresco ainda nos princípios de Maio. Insistindo, porém, a doente, o médico cedeu levando-a ele na sua companhia e de sua família chegaram à Fátima e, após ligeira refeição, foram todos rezar o terço no Santuário. A doente que, ao principiar o terço mal podia falar e ao 3.º Mistério sentiu a voz a aclarar-se, no fim do terço foi ao fontenário e bebeu dois copos de água rezando 3.ªve-marias. A meia noite acompanhou a Hora Santa ao ar livre e regressou da Fátima com a voz clara e com mais saúde. «No dia 6 de Maio, diz, voltei ao especialista que ficou espantado ao ver-me com a voz clara, e me disse: — Não imagina como estou contente por a ver assim; pois vejo que me enganei no diagnóstico sobre a sua doença; vejo que se fosse o que eu supunha nunca chegaria a ter a voz clara, embora conseguisse algumas melhoras. Que é que fez? — Nada, sr. Doutor, respondi. — Nada? Não alguma coisa? — fol. Examinei-a, vi que não podia falar: nervos não era; como conseguí recuperar a voz? — Fui à Fátima, disse-lhe eu. — Foi à Fátima? E o seu médico deixou-a ir? — Primeiro não queria, respondi, mas depois até fui em companhia dele e família. — (O especialista como não é crente diz): — Que fez na Fátima? — Como a minha intenção era pedir as minhas melhoras a Nossa Senhora rezei com devoção e com o maior fervor possível o seu terço, pedindo-lhe que tivesse compaixão de mim pois ela bem sabia o que me tinha ali levado. Notei que ao 3.º Mistério a voz se me ia aclarando... e em seguida fui beber água das fontes da Fátima. — Água quente? Diz o médico. — Não, sr. Doutor, água fria como sal da fonte; bebi dois copos e rezei três ave-marias. — Que comeu? — Laranjas, dois pães com fiambre e uma banana, pois não me apetecia comer e tanto assim que trouxe a merenda quasi toda. — Como passou a noite? — A rezar, pedindo as minhas melhoras e pedindo também por minha família e pessoas conhecidas — Então passou a noite ao relento? — Sim, sr. Doutor. — Estava agradável? — Não: estava bastante frio, mas não me fez mal. — A senhora só me foi fazer asneiras. — Asneiras não, sr. Doutor, fui pedir as melhoras a Nossa Senhora, e para isso tive de acompanhar todas as devoções dos fiéis, visto ter pernas para poder andar. — Então, diz o médico, assim é devota de Nossa Senhora? — Sou, sim desde criança e até sou afilhada de Nossa Senhora do Rosário e todos os dias rezo o Rosário inteiro. — Então acha-se curada? — É verdade. — Vamos ver lá isso. Fêz novo exame e verificou que tudo tinha desaparecido. — Sobre isto, diz o médico, já não digo nada. Só lhe digo que não abuse do milagre e tenha cuidado...»

São decorridos dois anos e não voltou a sentir nada na garganta,

apresentando o seguinte atestado do especialista que a tratou:

Atestado

Eurico de Oliveira, médico pela Faculdade de Medicina do Pórtó: atesto pela minha honra que em Abril de 1937 fui procurado no meu consultório pela sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho, de 39 anos de idade, solteira, professora e domiciliada nesta cidade do Pórtó porque, sentindo-se muito fraca e sofrendo da faringite, tinha, havia cinco meses, tosse ligeira, dor à deglutição, uma rouquidão acentuada, além doutras perturbações. Estes fenómenos surgiam sempre que se encontrava mais enfraquecida, o que se repetia havia oito anos.

O exame larinjoscópico revelou a existência de lesões inflamatórias difusas, pelo que lhe foi indicado o tratamento habitual. Em Maio seguinte fui novamente procurado pela doente que se dizia curada, pois que recuperou a sua voz normal e não acusava qualquer das anteriores perturbações.

A larinjoscopia feita nessa ocasião confirmou estas melhoras, pois que as lesões primitivas tinham consideravelmente diminuído.

Por ser verdade e mo ter sido pedido pela interessada, passo o atestado presente que assino.

Pórtó, 29 de Agosto de 1939

EURICO DE OLIVEIRA

Agradecem graças diversas alcançadas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

D. Maria Carolina da Costa Arnaud, de Coimbra.

D. Emilia Pinto Albuquerque, da Azambuja.

Armando de Freitas, Santo Tirso. **Manuel Martins Oliveira**, de Oliveira do Bairro.

D. Carolina Augusta Mendes Durão, de Lisboa.

D. Maria Joaquina Cabido Gouveia, de Reguengos.

Domingos Gouveia, de Reguengos. **D. Maria da Conceição Oliveira e Sá**, de Coimbra.

D. Maria de Jesus Leitão, de Crasto. **Pedro Augusto Fernandes de Abreu e Sousa**, de Ribeira da Pena.

Artur Saldanha, de S. Miguel da Carreira.

Maria Isabel Covas Lima Alves de Carvalho, de Beja.

Palmira de Jesus Domingues, de Viana do Castelo.

D. Maria Catarina Lopes Louro, de Faro.

D. Maria Gonçalves Rocha, de Cerveira.

D. Cândida Teles Pereira, de Castelo Novo.

D. Maria de Lourdes Serra e Oliveira, da Beira Baixa.

Salvador Eduardo, de Óbidos.

Angelo Sousa Alves, do Pórtó.

D. Cesaltina Simões Lopes, da Lourosa.

Joaquim António Martins, de Sernache do Bonjardim.

Manuel Pedrosa, de Monte Redondo.

Manuel Marques Balbino, da Benedita.

D. Ana de Sousa Leal, de Loulé.

P.º Alfredo Alves da Silva, de Negrelos.

NOS AÇORES

C. C. — Ponta Delgada, agradece a Nossa Senhora a cura duma pessoa querida, sem ser precisa a intervenção cirúrgica dita necessária pelo médico.

D. Maria Portiria A. Ferreira — Ilha Terceira, agradece a Nossa Senhora a cura de seu marido que esteve à morte com febre tifóide.

D. Margarida Augusta Amaral — Faial, agradece a N.ª S.ª a cura do seu marido, que tinha perdido a vista em consequência duma febre maligna.

D. Maria Vieira de Fraga — Ilha das Flores, agradece a Nossa Senhora a cura completa dum seu filho que, estando a trabalhar junto dum precipício, se despenhou da altura de qua-

renta metros. Temendo uma infecção proveniente das graves contusões, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e sem mais complicações pôde ver o seu filho completamente curado.

D. Maria da Encarnação — Lages do Pico, agradece a Nossa Senhora a sua cura.

Agradecem diferentes graças

D. Maria Emilia da Conceição, do Faial.

D. Maria do Nascimento, Angra.

D. Maria das Dores Oliveira, S. Jorge.

D. Jesuina dos Santos, S. Jorge.

D. Maria da Conceição Brasil Vieira, S. Jorge.

D. Maria Rosa Luis, S. Jorge.

D. Rosa Cândida da Silva, Angra.

D. Maria Soares Brasil, Urgellina.

Miguel dos Santos, S. Luis.

D. Corina M. Gouveia, Angra.

D. Maria da Glória da Silva, Pico.

D. Maria Corina Raposo, Ponta Delgada.

Pedro Miguel, Faial.

D. Maria Bulcão, Faial.

João Vitorino de Sousa, Graciosa.

D. Maria da Glória Alvernaz, Pico.

D. Maria de Lamas, Faial.

D. Jesuina A. Costa, Angra.

D. Francisca de Sousa Freitas, S. Jorge.

D. Rosa Brasil da Silva, S. Jorge.

D. Luzia Pinto de Sousa, Angra.

D. Maria do Livramento Azevedo, Terceira.

D. Ernestina Borges, Prala da Vitória.

D. Margarida Veloso da Silva, Horta.

NA MADEIRA

D. Maria dos Santos, Funchal.

D. Matilde Figueira Araújo, Funchal.

NA INDIA

D. Ernestina Gonçalves Machado, residente em Junagad de Katiawar, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de seu marido. Estando este com muita febre, proveniente dum abscesso, declarou o médico ser necessária uma operação. Lendo na «Voz da Fátima» as graças concedidas por mediação de Nossa Senhora, logo recorreu a Ela e o marido sem mais fazer estava curado em oito dias. Reaparecendo decorridos dois meses, de novo recorreu à Santíssima Virgem bem como à Madre Maria Mazarello e a D. Miguel Rua e seu marido ficou inteiramente curado.

UMA ALMA NOVA

(Cont. da 2.ª pág.)

Numa das últimas filas, lado a lado, o 37 e o 28, e este não era de certo o menos comovido. Depois da longa conversa na véspera com o Capelão militar, dormira regaladamente e agora era todo olhos e ouvidos para tanta coisa que mal compreendia mas sentindo que tudo era para seu bem e de todos os que com elle partiam para longe em serviço da Pátria que, como acabava de ouvir, «não era só esta terra onde nascemos».

Que linda prática e como dava gosto de cumprir à risca todas aquelas palavras tão amigas, tão paternais!

Mas as cerimónias estão terminadas e o contingente sai da Sé e vai atravessar a cidade que quer despedir-se carinhosa e calorosamente dos seus soldados. Mal põe o pé no átrio, o 28, todo risonho, chamejante de entusiasmo, diz a meia voz para o 37:

— Eh, «pá»! Sempre te digo que, d'ontem pra hoje parece que ganhei uma alma nova!

M. de F.

Uma linda lembrança para as catequistas é o album da Fátima com 65 gravuras do Santuário.

Para quantidade descontos especiais.

Pedidos à Gráfica — Leiria.

O culto de Nossa Senhora da Fátima

Em Roma

A nossa festa em honra de Nossa Senhora da Fátima no dia 13 decorreu melhor do que se previa. A Capela foi durante todo o dia um centro de peregrinações e à tarde estava à cunha. Houve terço e bênção com o Santíssimo, cantaram os pequenos da Schola Cantorum da igreja vizinha, prègou o Sr. P. Fonseca, assistiu S. Ex.ª o Sr. Embaixador com a esposa e não faltaram largas representações de diversos Colégios e Institutos Religiosos. Ao todo umas 400 e tal pessoas. Choraram de alegria, quando, no fim da cerimónia lhes falei do milagre operado durante a bênção dos doentes e anunciado pela rádio. Nossa Senhora trouxe-nos também nesse mesmo dia o magnífico presente da água da Fátima, que muitas pessoas já vieram buscar! Cada vez me convenço mais de que é preciso restaurar o jornalzinho em italiano, para alimentar a chama do fogo sagrado da devoção a Nossa Senhora da Fátima. É admirável e consolador observar como esta devoção entra nas almas e o entusiasmo com que lêem o livro «As maravilhas da Fátima». É mais que certo já, pessoa que o leia fica logo apóstola de Nossa Senhora; falam e ouvem falar das aparições, do que se passa no San-

tuário e do espirito de sacrificio dos videntes com um interesse e um entusiasmo como eu nunca podia suspeitar. Junto envio duas fotografias, uma do altar no dia 13 e a outra da assistência à saída do portão do Colégio na qual se vê S. Ex.ª o Sr. Embaixador, etc.. Um dos sacerdotes empregados na Redacção do Osservatore Romano, grande entusiasta pela Fátima, onde já esteve, julgo que em Agosto de 1939, deseja escrever um livro sobre a Fátima, organizado de tal maneira que sirva para leitura durante a devoção do mês de maio, etc.

A audição das cerimónias transmitidas pela Rádio era boa durante a noite; pena foi que não transmitissem tudo até ao fim: no emissor dos 31 metros acabaram durante o canto do Credo e no dos 40 ao fim do III mistério do terço.

casario e as calçadas bonitas dar de comer... Sem isto que tu vês é que ninguém pode passar.

— Ainda estás iludido nessa idade Zé do Pinhal? A terra é uma maldição. Quantas vezes se semeiam flores e se colhem espinhos...

— Maldição para quem a não conhece e a não ama. Todos tendem para ela sem saber, todos vivem por amor dela, porque é nela que vai parar todo o trabalho e toda a riqueza.

— Olaré... Isso era outro tempo em que se enterravam as libras em panelas de barro. Agora há os bancos.

— Pois sim mas todos os milhões dos bancos não valem um caracol se não houver artigos em que os gastar. E o que se compra ou vende em décima ou centésima mão, veio da terra.

— Anda um homem um dia inteiro a trabalhar e ganha uns cobres. Para quê? Para à noite ir entregar à terra que lhe dá em troca umas couves, umas batatas ou um cibinho de pão.

A terra é que é a grande riqueza, a terra é que é o banco do mundo.

— Sim mas tudo o que ela dá, bem contadinho, fica pelas horas da morte.

— Não haja dúvida que ela às vezes puxa pela gente como o rabequista pelas cordas. Mas nunca nega o sustento. Enquanto que esses pelintres que fogem para a cidade apanham por lá cada entalão na barriga... Santo Deus!

Na aldeia viver-se-á com pouco, às vezes, mas esse pouco é certo e luz mais. Os meliantes, os vagabundos, os esfomeados, esses que aparecem por aí, viajantes de Lisboa ao Pórtó, donde vêm? Das cidades onde não encontram nem trabalho nem que comer. Lá na tua cidade ninguém se conhece. Passam uns pelos outros como gente que nunca se viu. Pode um miserável esticar o pernil com fome que não há uma alma cristã que se lembre de lhe ir levar socorro. Aqui na aldeia vive-se como numa grande família. Pobretes, mas alegres. E a quem não tem todos lhe dão.

— Defendes a tua causa como um bacharel!

— Defendo a verdade, olha que história!

— Hum...

— Tens de te dobrar Felisberto. A terra é a nossa riqueza, o dote que Deus nos deu. Nunca ela foi ingrata para quem a trata com cuidado e amor, para quem quer colher só depois de semear e cultivar.

Ela tem para nós carinhos de mãe. Foi dela que nós nascemos, é ela que nos sustenta; se nós caímos é ela que nos ampara; se nós morremos é ela que nos recebe e nos cobre quando os outros já não nos querem ver.

Cidades? Arreda... Casar-se a gente com a terra, aspirar o bafo das leivas eiradas, ou o perfume dum campo de milho, comer em paz os frutos que ela dá, isso é que enche a alma e faz um homem feliz!

L. P.

— Visitar um santo só, não. Fui visitar a Deus e agora tenho vindo a admirá-lo e a louvá-lo nesta beleza de primavera que é obra sua.

— E vens tu babado por isto? Sempre tens muito mau gosto.

Eu então tenho ódio à terra como a uma madrasta. Não há nada mais ingrato. Quanto mais suor lhe pingares em cima mais dura se faz.

A cidade, a cidadezinha. Ali é que se passa vida regalada! Agora por aqui... É um arrasto, rapaz!...

— Olha lá, meu pateta, que comes tu que a terra não crie? De que haviam de viver esses figurões da cidade se os do campo lhes não fossem encher, com licença da gente honrada e prudente que lá há, a mangedoura da praça? Olha não lhes fôssem o

Este número foi visado pela Censura

PALAVRAS MANSAS

POBRES DE CRISTO

Por estar mais longe da Assistência, nos campos a pobreza é talvez maior do que nas cidades.

Do Brasil não vem dinheiro, como vinha antigamente. Vêm notícias...

O proprietário rural retrai-se com as suas economias, se é que ainda as pode fazer, e não se aventura a obras, por mais compensadoras que elas se lhe figurem. Compõe a nora, reergue o socoço, concerta a casa e o espigueiro, quando ameaçam ruína, e fica-se por aí. Não raro, amanha a terra com a sua gente, grandes e pequenos, em tôdas ou quasi tôdas as modalidades, da faina agrícola, que pesa, mas não humilha.

Se dá trabalho, é sempre com um mínimo de dispêndio. Sucede até que, às vezes, pratica assim a caridade. A sua esmola é dar trabalho, ainda que escassamente retribuído. Pesa sobre a boa intenção a dura cifra das disponibilidades.

Falta, portanto, a muitos trabalho, bem ou mal retribuído. Ora já dizia o cónego Cardin que, se há pobreza amarga, lancinante, convizinha do desespero é a pobreza do chefe de família, que tem dois braços sãos e vigorosos, e é forçado a vê-los caídos, desocupados, inúteis!

Agrava ainda esta miséria o contraste que ela faz com a graça e a beleza da terra, nos dias que vão correndo. Tantas privações ao pé de tanta luz, tanta seiva, tanto aroma, tanto gorgoejo, tanto viço!

Um velho amigo meu foi há pouco visitar uma obscura aldeia da Beira, quasi sem nome. Da Beira, continuarei a dizer em que pese à nova geografia política do país, tão desconhecida, num ou noutro ponto, de realidades antigas e profundas...

O meu amigo foi lá chamado mais uma vez pela voz da terra e dos mortos, que é uma voz de comando. Aproveitou, porém, o ensejo para visitar alguns pobres, que, nos melhores anos da vida, o ensinaram também a crer e a falar. Era perto do meio dia.

Na primeira casa em que entrou, inesperadamente, foi encontrar na cama um velho de 82 anos, que trabalhou honestamente enquanto pôde.

Cama limpa, mas com deficiência de agasalho, a que pretendia acudir um capote muito coçado, quasi no fio, em que a miséria tinha realmente mais um triste pano de amostra.

— Então ainda na cama?

— É verdade. Eu ainda me posso levantar; mas como está muito frio e a gente tem pouco que comer, estou por aqui...

Junto da lareira, a mulher quasi da mesma idade e com uma bronquite crónica, sentada, muito encolhida, parecia olhar fixadamente para o lume,

quasi extinto, como ela, como tudo naquela casa...

A ilusão do calor, que deve ser para os velhos, nos seus dias de pobreza e de abandono, a derradeira ilusão...

A saída, chovia torrencialmente. Até o dia chorava...

O meu amigo quis visitar ali perto outra casa, onde vivem duas irmãs, com mais de setenta anos e isoladas por uma irremediável surdez. Uma delas enviou ainda nova; a outra depois de andar pelo Pôrto a servir anos e anos, quando não pôde mais, foi ter com a irmã, tão pobre e só e surda como ela. A desgraça imagina sempre, que, mesmo de longe, chama por ela a família. E, às vezes, não é verdade...

São as Moucas. O meu amigo bateu rijamente à porta, mas em vão. As duas irmãs conversavam ao lume naquela voz rude e destemperada dos surdos, que só pensam em ouvir-se. Até que alguém fez sinal pela janela e a viúva veio enfim abrir a porta.

Que surpresa!

Quando o meu amigo, sem palavras, que eram de todo o ponto inúteis, começou a procurar no bolso uma pequena esmola, a pobre mulher ajoelhou-se, sacudiu fortemente o braço da irmã, que continuava sentada ao lume, e já de mãos erguidas e com a sua voz antiga, disse-lhe: olha que está aqui Nosso Senhor! E ia repetindo sempre: — olha que está aqui Nosso Senhor!

Como o pouco, o quasi nada é muito para os pobres, que necessitam de tudo!

O meu amigo saiu apressadamente e com os olhos rasos de lágrimas, enquanto a pobre mulher dizia alto: — anda o Senhor pelas portas!

E fôsem lá dizer-lhe que se calasse!

O meu amigo findou a sua narrativa com reticências de tristeza, compaixão e saúdades.

Disse-lhe então, por minha vez: tranquiliza-te. Deus não pode esquecer os pobres que são humildes e bons. Valia a pena ir longe para ouvir as palavras que disse a Mouca, com a sua antiga voz ressuscitada. Nem o génio de Bossuet, prodigioso, proferiu sobre a esmola palavras mais profundas, comovedoras e belas.

Que fé, que resignação e que síntese; Deus nos sofrimentos dos pobres; Deus na mão que para êles se estende fraternalmente...

Correia Pinto

Leia o livro Fala um médico e ficará encantado com a prosa simples e elegante das pequenas crónicas médicas dum illustre lente da Escola Médica do Pôrto, sr. Doutor Pires de Lima. Pedidos à Gráfica. — Leiria.

Às leitoras

Minha querida M.ª de Lourdes

Hoje venho falar-te dum assunto de máximo interesse para quem, como tu, se empenha a valer na formação integral das crianças, para quem, como tu, se esforça desveladamente por afastar do caminho de seus filhos, os perigos em que poderiam cair. E este assunto sempre actual, sempre importante e sempre oportuno é nada menos que as leituras.

E previno-te desde já que não te trago apenas simples idéias abstractas, meras opiniões colhidas embora em competetissimas autoridades. Trago-te alguma coisa mais: — afirmações deduzidas da minha própria experiência, da experiência da minha juventude.

A paixão de ler, sendo bem orientada, é um meio esplêndido de formação intelectual, de formação estética e de formação espiritual, mas, mal orientada, é sem dúvida um dos meios mais rápidos e eficazes de deformação, de perdição irremediável.

É própria da gente nova, uma curiosidade ora latente, ora desperta e ávida, uma ansia de conhecimentos que não pode nem deve sufocar-se. Pelo contrário tem de se lhe dar alimento, e esse alimento vai muitas vezes buscar-se a leituras boas. É necessário ler, mas ler com método, ler livros bons, ler livros adequados.

Ler com método, isto é ler a horas próprias que não prejudiquem a saúde ou prejudiquem os deveres do próprio estado. A saúde fatalmente se ressentem quando se lê durante as refeições ou logo em seguida, quando se lê durante as horas que deviam ser consagradas ao sono; quando se substitui por um livro, um passeio ao ar livre tão necessário ao organismo e tão benéfico ao estado físico como moral.

Ler coisas boas só. — Devia ser esta uma das maiores preocupações dos pais e mães de família e de todos os educadores: — que as crianças, adolescentes e jovens nunca lessem senão leituras sãs, nunca pousassem os olhos nas páginas de alguns livros mais venenosos que o veneno mais corrosivo que se põe fora do seu alcance. Há livros de cujas páginas se exalam emanações mortíferas; há livros que não é possível lerem-se sem que a alma fique encharcada de lama. E o que mais arreple é verem-se consciente ou inconscientemente espalhados por aí e ao alcance da mocidade incauta e inexperiente. Ainda há dias, ao passar por uma vitrine, a alma se me confrangia ao ver provocadamente expostos livros da peor espécie e de autores que fizeram mais mal à humanidade que as guerras mais sangrentas. Se é proibido vender-se nas farmácias certos venenos perigosos, sem que a receita médica o autorize, com mais razão ainda se devia proibir a venda de livros que envenenam e mancham a alma, desorientam o espírito e amolecem e definham o carácter.

Vigia, pois, bem as leituras de teus filhos. Alimenta-lhes o gosto pelos bons livros oferecendo-lhes ou recomendando-lhes a sua leitura como muito interessante e terás afastado do seu caminho um grande escolho em que tantas almas se perdem.

MOSS

Tiragem da «Voz da Fátima»

	no mês de Junho	
Algorve	5.425	
Angra	20.073	
Aveiro	7.817	
Beja	3.296	
Braga	83.180	
Bragança	12.024	
Coimbra	13.945	
Évora	4.825	
Funchal	12.463	
Guarda	19.085	
Lamego	11.636	
Leiria	14.350	
Lisboa	11.919	
Portalegre	11.220	
Pôrto	51.669	
Vila Real	23.789	
Viscu	9.618	
	316.334	
Estrangeiro	3.259	
Diversos	14.623	
	334.216	

CRÓNICA FINANCEIRA

Já várias vezes temos chamado a atenção dos nossos benévolo leitores para a gravidade da situação que a guerra nos está criando e que nos pode levar ao extremo de haver muito dinheiro e não haver nada para comprar com êle. Por notícias que nos chegam da fronteira do Norte, notícias de toda a confiança, sabemos que o alqueire do milho que do lado de Portugal se obtém por 10 escudos ou pouco mais, do lado de Espanha se vende a 150 escudos! Quer dizer, um lucro de cento e trinta e tal escudos para quem passar para Espanha um alqueire de milho...

Que mostra esta exorbitância? Mostra que em Espanha já há dinheiro, mas que não há que comprar com êle.

Em Espanha há já muito dinheiro, porque a Espanha é muito rica em minérios de grande importância para a preparação dos armamentos, excelente ferro, mercúrio em grande abundância, cobre com fartura, volfrâmio, etc., etc., e tudo isto tem hoje mercados ilimitados a preços altíssimos, pela concorrência que mutuamente se fazem ingleses e alemães. Não admira, portanto, que em Espanha comece a haver muito dinheiro e que já tenha passado aquela sanha com que nuestros hermanos defendiam a tiro as suas cambiais.

A Espanha tem dinheiro, tem, mas o que não tem é facilidade de o empregar, isto é, mercados onde possa comprar aquilo que lhe faz falta. Na França que é país vizinho e foi um dos seus maiores mercados, nada há hoje do que a Espanha precisa, porque a

Espanha precisa sobretudo de comer e na França já está tudo comido e bebido. Da Inglaterra, Alemanha e Itália, também não creio que lhe possam vir grandes farturas que não estejam em tempo delas. As Áfricas abundam e as Américas plétóricas estão muito longe e não há barcos disponíveis para o serviço de Espanha, o que equivale a dizer que são mercados praticamente fechados ao comércio com a península. Que resta à Espanha em possibilidades de compra de gêneros alimentícios? O mercado português para quem passar para Espanha um alqueire de milho...

A Espanha que, segundo nos informam, já paga o alqueire do milho a 150 escudos, dentro de pouco tempo passará a pagar os gêneros alimentícios de toda a espécie e muito principalmente os gados, por todo o preço. O contrabando tornar-se-á de tal modo rendoso que não haverá forma de o reprimir e os gêneros passarão para Espanha em torrentes e o dinheiro restará em Portugal a jorros. Será isto um bem?

Por um lado é, porque o lavrador verá o seu suor mais bem recompensado, a terra tirará bons lucros e poderá desempenhar-se e isso será grande bem para a lavoura e para toda a economia nacional. Mas, por outro lado pode ser um grande mal, porque... pode o dinheiro ser muito mas não haver nada que comprar com êle. E chegando a êsses apuros, de que serve haver muito dinheiro? Pense nisto o lavrador e defenda-se.

Pacheco de Amorim

Palavras de um médico

(2.ª Série)

XI

A alimentação dos recém-nascidos

Nunca um filho pode pagar os benefícios que recebeu de sua mãe que o criou ao peito.

O alimento que compete a uma criança recém-nascida é o leite de sua mãe, alimento vivo, com a composição necessária para criar o menino.

A mãe que amamenta o seu filho dá-lhe duas vezes a vida.

Se tôdas as mães soubessem as vantagens da amamentação materna, não haveria uma única que fôsse capaz de recusar o seio aos seus filhinhos.

E se êstes pensassem, pela vida fora, no carinho com que suas mães os trataram nos primeiros meses, nunca deixariam de adorar as santas progenitoras.

«Tanta veneração aos pais se deve» — proclamou Camões...

Mas nem sempre é possível criar o menino ao seio materno.

Nessa triste circunstância, temos de nos valer de uma ama, que fará o tremendo sacrificio de abandonar o próprio filho para criar um estranho, ou então, recorreremos ao aleitamento artificial com mamadeira.

O leite de vaca tem composição diferente do leite materno. Nos primeiros tempos é preciso juntar-lhe água e açúcar. Mas isso não é o pior inconveniente.

O leite de vaca está sujeito a contaminações que põem em grave risco a vida das crianças. A mortalidade infantil é produzida, em grande parte, por enterites devidas à contaminação do leite.

A fervura dêle destrói realmente os micróbios que o contaminam. Mas infelizmente o leite, quando se ferve, perde certas substâncias chamadas vitaminas, que são indispensáveis à saúde da criança.

Para evitar as infecções provocadas pela contaminação do leite e a falta de vitaminas provocada pelo fervura dêste produto, usa-se muito hoje o leite em pó diluído em água esterilizada, razão a que se junta su-

mo de laranja, que é rico em vitaminas.

Mas a preparação das mamadeiras, a dose do leite em pó a empregar em cada refeição, a temperatura do alimento e horário das refeições é matéria delicadíssima cuja direcção deve ser entregue a um médico especializado.

Se quisermos salvar a vida a um menino sem mãe, ou com mãe doente ou pouco solícita, temos de redobrar de cuidados e de não olhar a despesas.

Que Deus conceda, a todos os portugueses novos, mães dignas, como foram as nossas!

J. A. Pires de Lima

A canonização do Beato Nuno Alvares Pereira?

É com a mais alvoroçada alegria que damos aos numerosos leitores da Voz da Fátima a notícia abaixo transcrita do nosso prezado colega «Novidades» de Lisboa.

«L'Osservatore Romano», do dia 1 de Junho, ontem chegou à nossa Redacção informava o seguinte: «Na terça-feira, 27 de Maio de 1941, no Palácio Apostólico Vaticano, reuniu-se a S. Congregação dos Ritos «Ordinária», na qual os Ex.ªs e Rev.ªs Senhores Cardeais e os Rev.ªs Prelados Officiais examinaram a reassignação da Causa do Beato Nuno Alvares Pereira, Confessor, leigo professo da Ordem dos Carmelitas».

A notícia enche de alegria a todos os portugueses e particularmente aos devotos do Santo Condestável e deve levar-nos a todos a pedir a Deus com mais fervor que chegue dentro em breve esse dia de glória para o Beato Nuno e para Portugal.